

PEGA!

Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná)

Brasileiro tem mania de pegar. Nos outros. Mesmo que ele não conheça o “pegado”, vai pegando. Para pedir uma informação numa loja, se a moça está de costas, você bate no seu ombro para chamá-la; se a pessoa está contando uma história a alguém, pega-lhe no braço várias vezes, como se com isso fosse melhorar sua narração (isso sem falar daquele que, durante a conversa, lhe arruma a gola ou tira um fio de cabelo que está em seu peito). Se vai pedir desculpas, parece que será melhor desculpado se der uma pegadinha na pessoa: fica mais íntimo e mais sincero. Fora aquelas tradicionais batidinhas nas costas entre os homens, principalmente nos velórios... Se não tiver a batidinha, parece que não valeu o cumprimento. E assim expressamos nossa afetividade, que é grande.

Mas estou falando neste assunto porque, afinal, nem todo mundo é assim. Nem todos os povos gostam de se pegar. Na França, por exemplo, ninguém se pega quando não se conhece. Eles não gostam, sentem-se mal, até se assustam se sentem uma mão lhes tocando sem serem avisados. Já me aconteceu de esbarrar, sem querer, em alguém, e levar, depois de um gesto de repulsa, em olhar reprovador.

Lembro de outra ocasião em que estava com minha mãe em uma loja e ela, muito brasileira, foi pedir uma informação à nossa moda. Com muita delicadeza e um por favor doce, bateu nas costas da mocinha antes de falar. Não adiantou a delicadeza: a moça levou um tal susto que, no final, quem se assustou fomos nós, com a reação da outra.

Demonstração de carinho entre casais também não existe em público (só entre alguns tipos de jovem, na rua). Mas num restaurante, o namorado dar um beijo, beijinho que seja, em sua namorada, jamais: isto não se faz. Também não se tem o hábito de andar de mãos dadas. Eles têm para si que, o que é íntimo, é vivido na intimidade. Mas não é só no Brasil que se pega, e não é só na França que não se pega. Já observei que em outros países de Terceiro Mundo (posso chamar assim?), as reações e atitudes das pessoas são semelhantes às nossas. A afetividade é vivida espontaneamente no dia à dia. Não estou falando de países muçulmanos, onde as regras são outras. Se bem que, no Marrocos, por exemplo, não vi homem e mulher se pegando: isto é proibido; mas vi homens de mãos dadas entre si: isso pode. É uma outra concepção.

Com toda esta conversa, chego à conclusão de que este elemento de convivência faz uma das diferenças básicas entre a maioria dos países de Primeiro Mundo e os outros. Naqueles, passa-se primeiramente pela palavra, e não pelo toque e pelo afago. Tudo para eles deve ser racionalizado, antes de ser sentido. Parece ser este o preço da “civilização”. Nós, ainda estamos no processo inverso.

Será que é preciso mudar?